



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

TEREZINHA ALVES DE OLIVEIRA ANDRADE

**“SÓ RINDO” DA VIOLÊNCIA ANTROPOFÁGICA EM *O COBRADOR*, DE RUBEM
FONSECA**

ITABAIANA/SE

2017

TEREZINHA ALVES DE OLIVEIRA ANDRADE

**“SÓ RINDO” DA VIOLÊNCIA ANTROPOFÁGICA EM *O COBRADOR*, DE RUBEM
FONSECA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras da Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Prof.^a Msc. Ellen Oliveira.

ITABAIANA/SE

2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por todas as suas obras terrenas.

A todos os professores das respectivas épocas, pois eles foram e sempre serão a porta de entrada para o conhecimento.

Aos meus amados e respeitados pais adotivos (*in memoriam*), também aos meus pais biológicos (pai *in memoriam*), mãe que não deixa de nos abençoar nas suas orações.

Ao meu esposo por tido a compreensão, companheirismo com a minha ausência nas horas dos estudos.

Agradeço aos meus amados filhos, estes são eternizados na minha alma;

A minha companheira de trabalho, na incessante labuta doméstica que se faz dedicar-se, também agradeço aos meus colegas aerobicanos que sempre tiveram presentes nos momentos de descontração e a todos aqueles que um dia de passagem toquei no coração.

Ride, ridentes!
Derride, derridentes!
Risonhai aos risos, rimente risandai!
Derride sorrimente!
Risos soberrisos – risadas de sorridentes risores!
Hílaré esrir, risos de sobreridores riseiros!
Sorrisonhos, risonhos!
Sorridente, ridiculai, risando, risantes,
Hilariando, riando,
Ride, ridentes!
Derride, derridentes!
(Khlébnikov – Campos, Encantação pelo riso)

RESUMO

Este trabalho é uma leitura interpretativa da obra *O Cobrador*, de Rubem Fonseca, e teve como objetivo geral analisar como e por que se formam “cobradores” e como a violência é praticada pela personagem como uma forma de cobrança que, na perspectiva do narrador, são frutos do contexto social brasileiro desigual que cria, simultaneamente, de um lado pobres e grupos marginalizados e, de outro, pessoas abastadas. Para isso, foi feita uma análise do perfil da personagem O cobrador a partir dos atos de violência que ele pratica, como “atos de cobrança”; assim como a análise do perfil das personagens que são suas vítimas, a fim de compreender o que e como cobra delas; e por fim foi feita a descrição do perfil psicológico da personagem protagonista. Tal estudo se justifica por compreender que a violência é um mal que assola a sociedade e que está representado na literatura e, especificamente, na personagem fictícia, fria e revoltada que protagoniza o conto “O Cobrador” do escritor Rubem Fonseca. Esta é uma narrativa em que a violência é flagrada de forma mimética, revelando a experiência com o mundo do crime e com a violência vivenciada pelo autor, enquanto foi comissário de polícia. A metodologia utilizada foi a análise literária, e a fundamentação teórica teve respaldo nos estudos desenvolvidos por: BRAIT (2006); CANDIDO (2007); MOISÉS (2004 e 2008). Pretende-se com este trabalho contribuir com os estudos contemporâneos sobre a violência na literatura e com a fortuna crítica da obra de Rubem Fonseca.

Palavras chaves: Rubem Fonseca; O Cobrador; Violência.

ABSTRACT

This study is an interpretative reading of the work *The Collector* by Rubem Fonseca. It has as general objective to analyze how and why “collectors” are formed and how violence is practiced by the character as a form of charge that, from the perspective of the narrator, are fruits of the unequal Brazilian social context that creates, simultaneously, of a side and on another wealthy people. For this, was made an analysis of the character’s profile the Collector and the acts of violence that he practices as “charging acts”; as well as the analysis of character’s profile who are their victims, in order to understand what and how he charges them. Finally, the description of the psychological profile of the protagonist character was made. This study is justified by understanding that violence is an ill that plagues society and that is represented in the literature and, specifically, through this character cold and revolted who stars the story “The Collector” of the writer Rubem Fonseca. This is a narrative in which the violence is detected in a mimetic way, revealing the experience with the world of crime and the violence experienced by the author, while he was a police commissioner. The methodology used was the literary analysis, and the theoretical foundation was supported in the studies developed by: BRAIT (2006); CANDIDO (2007); MOISÉS (2004 , 2008). This work intends to contribute to contemporary studies about violence in the literature and with the critical fortune of Rubem Fonseca’s work.

Key words: Rubem Fonseca; The Collector; Violence.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
1.1 CAPÍTULO I: QUEM É “O COBRADOR”?.....	13
1. CAPÍTULO II: “O COBRADOR”: SUA FUNÇÃO E CARÁTER HERÓICO	18
2.1. O Cobrador, porta voz do autor e agente da ação.....	18
2.2 O Cobrador: herói ou anti-herói?.....	21
2. CAPÍTULO III: O QUÊ, DE QUEM E COMO ELE COBRA.....	24
3.1. “Só rindo!”	24
3.2. Na rua cheia de gente	28
3.3. Na cruzada: entre o mundo do pobre e o mundo do rico.....	30
3.4. Na cruzada, um traidor	32
3.5. Os fodidos	33
3.6. O casal e o feto	36
3.7. O prazer da cobrança	37
3.8. Ana Palindrômica: amante e parceira de cobrança.....	38
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
5. REFERÊNCIAS.....	41

1. INTRODUÇÃO

O despertar acadêmico por este trabalho veio de modo particular por uma personagem violenta, fria e revoltada traçada no conto “O Cobrador” de Rubem Fonseca. Esta obra pertence a um livro homônimo do conto composto por dez textos escritos no fim do século XX. Rubem Fonseca é um realista contemporâneo, dos anos 70, destacando, nesse conto, uma personagem que acredita sofrer injustiças sociais e age como um anti-herói buscando por seus direitos e procurando viver dignamente como cidadão.

Através de atos de violência contra indivíduos da sociedade, lutando para receber o que as pessoas lhe devem por direito tendo como mira uma sociedade formada por indivíduos abastados, ou seja, com um nível financeiro, familiar, cultural e social mais elevado que o dele, o Cobrador se revela como um ser na contramão da sociedade brasileira, revoltado por se sentir rejeitado, à margem da sociedade, busca com fúria, senão mudar a realidade, ao menos vingar-se pelo o que a vida o tirou.

Rubem Fonseca nasceu em 11 de maio de 1925 no estado de Minas Gerais. Ele tem três filhos, viúvo, reside em Juiz de Fora, cidade na qual mora desde seu nascimento. Vale ressaltar que o escritor exerceu por um tempo a profissão de comissário de polícia, é avesso à publicidade (fotos e entrevista), tem um comportamento extremamente reservado.

O Cobrador não tem nome próprio, narra os fatos em primeira pessoa e tampouco é revelada a cor da sua pele. Atua brutalmente contra pessoas de classe média num cenário urbano. Esse anonimato contribui para a percepção de que ele pode ser qualquer indivíduo que se sinta marginalizado, ou seja, um ser que vive à margem da sociedade, no sentido de estar presente em posição contrária à sociedade – sendo excluído e demonizado por ela - e tem como meta cobrar tudo que lhe foi negado: humanidade e dignidade.

Sobre a personagem, a obra de Beth Brait (2006), serviu como suporte teórico para o estudo das personagens. Ela apresenta as diferenças entre pessoa- ser vivo- e personagem- ser ficcional. A autora ainda afirma que de acordo com a noção de personagem como habitante da realidade ficcional demonstra que há uma relação do que é produzido/criado se separarmos os limites do que é reprodução fiel da realidade e simulação do real. Nesse sentido, deve-se, verificar cuidadosamente as estratégias que o autor utiliza para recriar a realidade e para fazer a apresentação das personagens. Quanto ao seu caráter, à personagem de “O Cobrador” é ambígua e pode ser considerada um anti-herói, visto que apresenta um comportamento desregrado, bem como pode ser lida como um herói por não aceitar passivamente ocupar à

margem da sociedade e é decidido na sua busca incessante por cobrar da sociedade o que acredita ter como direito, fazendo dessa busca uma forma de luta e sua missão. Para compreendê-la melhor, focaremos a análise naquilo que a personagem afirma que a sociedade deve a ela, observando cinco fragmentos do conto, que funcionam como uma espécie de tópicos que justificam e explicam a sua violência.

1. *Odeio dentistas, comerciantes, advogadas, industriais, funcionários, médicos, executivos, essa canalha inteira. Todos eles estão me devendo muito* (FONSECA, 1989, p. 13).
2. *Estão me devendo comida, buceta, cobertor, sapato, casa, automóvel, relógio, dentes, estão me devendo* (FONSECA, 1989, p. 14).
3. *Tão me devendo colégio, namorada, aparelho de som, respeito, sanduíche de mortadela no botequim da rua Vieira Fazenda, sorvete, bola de futebol* (FONSECA, 1989, p. 16).
4. *Estão me devendo xarope, meia, cinema, filé mignon e buceta, anda logo.* (FONSECA, 1989, p. 16).
5. *Estão me devendo uma garota de vinte anos, cheia de dentes e perfume* (FONSECA, 1989, p. 24).

Toda a crueldade que envolve a personagem se dá, inicialmente, em um consultório odontológico, quando ela se nega a pagar pelos serviços prestados pelo dentista: “Eu não pago mais nada, cansei de pagar! gritei para ele, agora eu só cobro” (FONSECA, 1989, p. 14). Percebe-se, durante a narrativa, que a relação do personagem com “dente” é muito forte, sugerindo uma relação com o sentimento de infelicidade, marginalização.

A partir daí, desencadeia uma série de atos bárbaros como estupro e assassinatos praticados em sua trajetória negra e obscura, espelhado/ofuscado no profundo submundo de sua consciência. Não importa os meios usados para conseguir o desejado, para o Cobrador o importante seria sentir em alguns momentos insanos o prazer dos seus atos.

Há também uma disputa entre o narrador e as suas vítimas, ele pobre e elas ricas, o que nos remete a uma luta de classes. Logo, observamos que a personagem se apresenta com um comportamento singular. Ele é violento e cruel como um selvagem. Porém, gosta de música e chega a fazer alguns ensaios com uivos e sons inarticulados. Demonstra-se amoroso e bondoso ao cuidar de dona Clotilde, que é uma senhora inválida e que segundo ele a invalidez é psicológica. Convém ressaltar, que o perfil do Cobrador se contrapõe quando ele se apaixona por Ana Palindrômica, moça da classe burguesa, a qual ele condena. A

personagem tem em mente que todos da sociedade lhe devem tudo o que lhe falta. E, assim sendo, atribui o fato de ser pobre a uma dívida social.

É importante pontuar que tal perspectiva pode causar confusão na mente do leitor, o protagonista é herói ou anti-herói? Seu perfil é ambíguo e contraditório: aqueles que o toma como herói, compartilham a perspectiva do assassino, ou seja, de que a sociedade tem uma dívida na qual está convertida em felicidade, escola de qualidade, saúde, respeito, dignidade. Tudo que a sociedade não deu condições para que ele tivesse acesso.

Todos os ricos e poderosos da sociedade elitizada devem pagar a esse indivíduo, porém, se alguém concorda com ele, compactua ou torna-se cúmplice dos atos de violência que ele pratica, o ver como um sujeito que encontra na violência uma forma de diminuir a classe dos ricos e promover a igualdade social, e assim mudar o mundo. Já o leitor que o toma como anti-herói, compreende que há em jogo uma dívida social, entende que não é através da violência que ela deva ser paga, imaginemos o caos que causaria no mundo se todos aqueles que se sentem injustiçados, resolvessem cobrar suas dívidas através de violências: roubando, matando e estuprando?

O interessante é que o escritor Rubem Fonseca manipula o seu personagem de tal forma que parece que ele não age livremente, ou seja, ele não decide quem serão as suas vítimas, parece que elas já estão condicionadas a sofrerem a agressão. Ele se envolve e com sarcasmo o Cobrador efetua com maestria a cobrança. Ele revela bem esse comportamento no seguinte trecho: “Vê se não abre mais a porta pro bombeiro, eu disse, antes de ir embora” (FONSECA, 1989, p. 22), diz a personagem de forma irônica e sem misericórdia.

Faz-se necessário salientar que durante todo o decorrer da análise o Cobrador fez uso de alguns meios de comunicação, de modo que referencia o jornal, a televisão, o rádio, o cinema e a revista feminina, que certamente contribuíram para aumentar e estimulá-lo às suas atrocidades. Como ele fala, “Quero viver muito para ter tempo de matar todos eles” (FONSECA, 1989, p. 18). “Todos eles estão me devendo muito.” (FONSECA, 1989, p. 13). O Cobrador entende seus atos de violência como atos revolucionários, acreditando, ingenuamente, que porque agia dessa forma podia ser considerado como exemplo de mudanças e de boas perspectivas para a construção de um mundo melhor, mais igualitário e de uma sociedade mais justa.

As reflexões aqui desenvolvidas neste trabalho nos deixam cientes da importância social da literatura, tendo em vista que o escritor contribui significativamente, senão para a transformação, para a reflexão da realidade na medida em que faz uso do seu talento de se colocar no lugar do marginalizado para expor os problemas que afligem a sociedade.

Assim sendo, o objetivo geral deste trabalho é analisar a violência e como ela é praticada pela personagem como uma forma de cobrança que, na perspectiva do narrador, é fruto do contexto social brasileiro que cria, simultaneamente, de um lado os desassistidos social e economicamente, e de outro, pessoas abastadas.

- Analisar o perfil da personagem o Cobrador a partir dos atos de violência que ele pratica, como “atos de cobrança”, ou seja, se ele é herói ou anti-herói e sua função na narrativa;
- Analisar o perfil das personagens que são vítimas do Cobrador, a fim de compreender o que e como cobra delas;

Esse trabalho se justifica, principalmente, por compreender que a violência é um mal que assola a sociedade e que está representado na literatura e, especificamente, na personagem de ficção, fria e revoltada que protagoniza o conto “O Cobrador” do escritor Rubem Fonseca. Esta é uma narrativa em que a violência é flagrada de forma mimética, revelando a experiência com o mundo do crime e com a violência vivenciada pelo autor, enquanto foi comissário de polícia.¹ Pretende-se ainda com este trabalho: contribuir com os estudos contemporâneos sobre a violência na literatura e com a fortuna crítica da obra de Rubem Fonseca.

A metodologia utilizada é análise literária, entendendo o termo “análise” tal como Moisés a explica em *A análise literária*,

um procedimento metodológico que implica explicação e interpretação. Isto é, analisar é uma forma de desmembrar as partes do todo e sondar a malha do conteúdo que lhes é implícita começando a análise pela superfície visível, formada pela conexão das relações entre as unidades que a constroem, bem como a estrutura dos componentes da camada profunda, pesquisando a teia dos significantes e significados, de forma a oferecer dados seguros para a melhor avaliação e julgamento do texto (MOISÉS, 2008, p.14).

E, também, entendendo o adjetivo “literária” equivalente à definição de texto literário, que está ligada ao conceito de literatura que para esse autor corresponde “a expressão, pela palavra escrita, pela imaginação, dos conteúdos de ficção, ou imaginação” (MOISÉS, 2008, p. 18).

Partindo desse entendimento, foi feita a análise do comportamento das personagens, focando nos atos de violência praticados pelo “o cobrador” em várias situações do enredo, que o faz cobrar tudo aquilo que, na sua perspectiva, fora negado socialmente. Situações essas em

que a pesquisa é firmada articuladamente por cunho social. Os elementos apresentados reforçam a necessidade de reagir violentamente para trazer de volta o que lhe foi negado. Desse modo, esta análise refletiu sobre as condições de um sujeito que está constantemente na contramão da sociedade e em total desequilíbrio consigo mesmo. Em sua cobrança com o dentista e os demais personagens citados no conto, o personagem ataca de maneira sequencial, pois alega que todos possuem uma dívida com ele. Assim, a análise seguiu os seguintes passos:

Primeiro, foi feita a análise do perfil da personagem o Cobrador a partir dos atos de violência que ele pratica, como forma de cobrança. Desde já, tem-se ele como um estuprador e assassino. Em seguida, analisamos a função da personagem no conto e seu caráter heroico. E, por fim, tentamos compreender o que, de quem e como ele cobra a fim de compreender seus atos violentos, suas causas e consequências na sociedade e mimetizadas na narrativa.

¹ De acordo com o dado biográfico informado por Vianna (2005).

CAPÍTULO I

1.1 QUEM É O COBRADOR?

O Cobrador do conto de Rubem Fonseca é o narrador personagem de uma narrativa marcada por um riso irônico e uma violência antropofágica. Ele é o protagonista e narra as ações que são praticadas e justificadas a partir de sua perspectiva.

A narrativa apresenta a verossimilhança de fatos e ações de um indivíduo marginalizado pela sociedade. Um ser que encontra em seus crimes a satisfação e a solução para os seus problemas. O Cobrador usa como único recurso de defesa o ato de violentar barbaramente as suas vítimas. Ao apresentar tal comportamento, o autor tece uma personagem atormentada pela vingança. A forma utilizada pelo autor para narrar os acontecimentos apresenta em tempo real o sentimento de cobrança e repúdio por uma sociedade elitizada. Ele se alimenta de um sentimento desprezível que envolve a personagem no centro do Rio de Janeiro. Pois, ali se encontram os hotéis de luxo, o supermercado, o salão de festas, consultórios, mansões e a tal Ana Palindrômica.

É na praia de Copacabana que a personagem observa e cria o cenário adequado para tecer a sua cobrança. No início do conto, o narrador- personagem já conduz o leitor a uma situação impactante, conduzindo-o às descobertas. Imediatamente o leitor sabe do que se trata, ou seja, o narrador externa o que se esconde no “miolo social” (pessoas ricas, poderosas, hipócritas e corruptas) sistema que, não é diferente nos nossos dias. A personagem não tem medo, nem receio, muito menos piedade das suas vítimas. “Cobrar” é a sua missão. Apropria-se das suas vítimas com sarcasmo, cobra com precisão e, quando isso acontece, mais satisfeito e realizado se sente, pois, o ato de cobrar com violência lhe dar prazer.

Observa-se, no entanto, o movimento circulatório da personagem, indo e vindo em círculo. Percurso que faz na grande Rio de Janeiro até a serra e praias (Zona Sul, Petrópolis, Ipanema). São pontos que lhe atraí e são perfeitos para execução do ato de cobrar. Pelo comportamento apresentado pela personagem, infere-se que a mente dela está tomada pelo ódio aos que têm dinheiro e poder e se utiliza de tais bens para oprimir os mais fracos, ou seja, os mais pobres. Para inverter esse quadro de submissão ele, O Cobrador, faz uso da força da violência como forma de puni-los, ou melhor, para cobrar o que lhe é seu por direito. Ter a felicidade que não tem, o direito de ir e vir dignamente como todo cidadão respeitado e de poder usufruir de todos os benefícios, que são restritos tão somente para a classe privilegiada.

Este Rio de Janeiro competitivo, desigual, violento e, portanto, um cenário do mal é o mesmo Rio que temos em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. O Rio de Janeiro de Clarice e de Macabéa é o Rio que “estava no auge de sua reputação internacional” e que “tinha se transformado num dos destinos mais chique do planeta” (MOSER, 2009, p. 151). Inclusive, “São Paulo, com grande força industrial emergente, rivaliza com o Rio pela preponderância econômica, mas para o Brasil como um todo só havia uma única e indiscutível capital, e aos olhos do mundo o Brasil era o Rio” (OLIVEIRA, 2013, p. 89). Esse Rio de Clarice Lispector e Macabéa era o mesmo Rio de Rubem Fonseca e *O Cobrador*. Um Rio que deslumbrava e atraía imigrantes, mas também mostrava a sua face de miséria, fome, corrupção e pobreza. Um Rio marcado pela desigualdade social.

Nesse conto, a desigualdade social é clara e a corrupção e o poder separam os ricos dos pobres. Então, fragilizado pelas suas cicatrizes e tomado pelo desejo de cobrar, o Cobrador descarta qualquer possibilidade de mudança do comportamento. Em hipótese alguma, o narrador demonstra na narrativa que a personagem sente arrependimento. Movido pelo ódio ele prevalece até o desfecho do conto sem perspectiva de mudança. Literalmente, lança mão dos seus músculos para acabar com os seus desafetos. O fato de ser fisicamente franzino exige dele a força do ódio que lhe dá autonomia para praticar os seus delitos. Com determinação ver no outro (o rico), o principal devedor, o qual ele deve cobrar todos os direitos de ter escola, namorada, alimentação, moradia e todos os privilégios não concedidos à classe social na qual está inserido.

Outro ponto a destacar na obra, refere-se ao modo como a personagem se infiltra nos meios públicos, apresenta-se como uma pessoa sem suspeita, como se fosse uma pessoa “normal”. Não podemos dizer que essa personagem é livre, contudo podemos afirmar que ela transita livremente nas noites e também durante o dia, despercebida da justiça (polícia) que para ela não existe, pois o Cobrador se considera a própria lei. Ele não tem identidade, não tem nome. É apresentado no enredo como um elemento comum e pobre, carregado de impurezas sociais que lhe incomodam. Mas por que uns têm tantos e outros não têm nada? Pergunta-se. Esse é, foi e sempre será o nosso sistema. Estamos pagando pelo que não devemos e não temos o que deveríamos ter.

A história de desigualdade social sucede continuamente. Ela, a sociedade, é a navalha que aniquila todos os sonhos, decepa todos os sonhos da classe de baixo poder aquisitivo, pessoas que buscam fazer dos sonhos a realidade e tornar a realidade mais humanitária, uma sociedade em que dela “fazemos parte”. Também representa o povo? Será? Será que o Cobrador é aquele cidadão de bem que trabalha e no final não é dado a parte que lhe compete,

o que de fato, lhe é de direito? Imagine-se ser um desses, trabalhador brasileiro. Em síntese a personagem revela um dos problemas sociais do sistema capitalista.

Considerando que o autor desenha/ou mapeia uma personagem solitária, tipo “os fodidos”, os marginalizados. Recusa-se acreditar que o autor elabora um herói, visto que, a personagem não apresenta nenhum aspecto ou características de “bom mocinho”, embora busque agir como um ao pensar que através da violência construirá um mundo mais feliz.

O cenário é típico para apresentar e refletir sobre as questões sociais. O autor tece o que é proveniente do seu interior elaborado e que deve ser posto à prática/registrado. Algo que fortemente lhe pesa na alma e que a produção desse conto deseja fazer uma crítica social reveladora de pormenores de uma sociedade que vive um tempo de hipocrisia e degradação.

Talvez o fato de Rubem Fonseca ser um escritor que externa problemas sociais, sensibilizado por tamanho descaso do sistema e da tortura dos grupos marginalizados, ele cria uma personagem insatisfeita, produz uma obra forte, que mexe com o universo/submundo descomungado do preconceito, do poder aquisitivo e do crime/violência. O Cobrador é uma pessoa singular, atua sozinho (sem medo), mas ao mesmo tempo é uma pessoa plural, porque representa uma classe de marginais como ele e que faz parte do mundo do crime. Faz da cobrança sua missão seu – louco e selvagem - projeto de vida. Ele crê que a sociedade está lhe devendo e vê a violência como uma sentença, já que se sente como vítima de uma sociedade degradada e cobrar dela é a melhor forma de fazer justiça. É por ela que ele luta pra ter conquistas/direitos, ou seja, para ter o que considera seu de direito, e é negado.

Não satisfeito, no final da história, o assassino encontra uma parceira de nome Ana Palindrômica, que apresenta o mesmo trauma de infância. Eles se entendem e seguem com o plano de vingança, ou seja, de cobrança. Esta afirmativa se confirma quando o cruel assassino balbucia:

Explodirei as pessoas, adquirirei prestígio, não serei apenas o louco da Magnum. Também não sairei mais pelo parque do Flamengo olhando as árvores, os troncos, a raiz, as folhas, a sombra, escolhendo a árvore que eu queria ter, num pedaço de chão de terra batida. Eu as vi crescer no parque e me alegrava quando chovia e a terra se empapava de água, as folhas lavadas de chuva, o vento balançando os galhos, enquanto os carros dos canalhas passavam velozmente sem que eles olhassem para os lados. Já não perco meu tempo com sonhos. E Ana compreende a situação dando forças a fala do “Cobrador”, ao dizer “O mundo inteiro saberá quem é você, quem somos nós (FONSECA, 1989, p. 28).

Ressalta-se ainda, o motivo que levaria a personagem a agir de tal forma. Alega-se a esse comportamento o fato da personagem sofrer trauma psicológico oriundo da infância.

Essa obra consiste no rompimento do que está cravado amargamente no seu psíquico e a Ana vem corresponder as suas expectativas.

Certamente, devido Rubem Fonseca ter exercido por um tempo o cargo de comissário de polícia, o escritor presenciou várias situações de modo que pôs a revela-las como forma de denunciar os maus tratos para com o cidadão marginalizado e a falta de respeito com todos aqueles que sobrevivem à margem da sociedade. Veja que “O Cobrador” não quer dinheiro, nem bens materiais, ele quer ser visto, percebido, ocupar o lugar que é seu, espaço esse negado o tempo inteiro na construção da narrativa. Ele e muitos pertencem a classe pobre e decadente da sociedade e que é desprovida de coisa boas, de oportunidades iguais e de justiça.

A violência do Cobrador – ou cobrança - estão em todos os lugares onde há o rico, privilegiado e usufruindo exatamente o que ele deveria por direito usufruir também. O que se sabe é que a personagem assassina é fruto da sociedade decadente/degradada ou é fruto do imaginário de quem quis fazer uma reflexão baseada em fatos reais.

Notemos que o Cobrador se mistura no meio dos outros e, sem dúvida, ele é a outra parte, o outro lado da moeda que a sociedade exclui. Aos poucos o narrador - personagem vai adentrando no psicológico do leitor, usando a sua personagem para liberar a carga de ressentimento que lhe aflige. Ele vagueia pelas profundezas que circundam a elite.

De forma recorrente, o narrador usa alguns meios de comunicação, como por exemplo, a televisão, o jornal, o rádio para obter informações, o que atíça mais o seu ódio. E para o bem de todos a cibernética/internet, não existia, naquela época. Ele era uma pessoa interessada nas notícias, elas chegavam atualizadas e recentes para assim continuar “só rindo”, da cara da sociedade.

Todas as ações de violência ocorrem com as pessoas ricas, “O Cobrador” admite fazer jus a sua missão, se sensibiliza ao se deparar com a realidade social dos poderosos, ele percebe o vazio existente nesse mundo de “socialite”, que não tem relações verdadeiras entre eles. É um mundo de aparências e que nunca os ricos vão ter a sensibilidade que os pobres têm: “As pessoas se enfeitam no cabelereiro, no costureiro, no massagista e só o espelho lhes dá, nas festas, a atenção que esperam”, (FONSECA, 1989, p. 19). É a representação nítida do vazio social, mesmo estando em público.

Mais adiante, outro fato chama a atenção do leitor. No momento em que o Cobrador está na praia. É ali que ele se sente igual aos outros, no sentido de estarmos simultaneamente iguais. Os ricos e os pobres frequentam o mesmo lugar. O parágrafo a seguir remete um tempo no qual pobres e ricos iam à praia, sem distinção. Diz O Cobrador: “Na praia somos todos iguais, nós os fodidos e eles”. (FONSECA, 1989, p. 22).

Todavia, o narrador não cria uma relação amigável entre as duas classes. Como diz o ditado popular “O sol nasce para todos, mas a sombra é pra poucos”. Ele se posiciona como o justiceiro, o salvador dos oprimidos. A expressão “digo” aparece por oito vezes o que demonstra imperatividade, ou seja, é ele e mais ninguém. Discurso direto o Eu, prevalece. No termo usado pela personagem “Eu cobro” mais uma vez está pertinente, e se cobra é porque existe a dívida, sem a dívida não existiria a cobrança. Sempre obcecado pela ideologia de cobrar. De cobrar igualdade social. Ela rica e tem fome, ele pobre e tem fome e não tem dinheiro. Como explicar esse desequilíbrio social visto nesse ponto do enredo? Quando ele diz: “Odeio executivos”, (FONSECA, 1989, p. 24), nota-se o desprezo que o narrador quer demonstrar pela classe, e por isso os executa bem no meio de um baile com vários executivos alemães, japoneses e americanos, e os chamam de parasitas internacionais.

No final do conto Ana e O cobrador, se unem e tramam um acontecimento que vai marcar e surpreender a sociedade carioca pelo grande teor de criminalidade, um total de vítimas que vai surpreender a cidade do rio de Janeiro. “Véspera de Natal é um bom dia para essa gente pagar o que deve”, diz Ana. “O Papai Noel eu mesmo quero matar com o facão”, digo, (FONSECA, 1989, p. 28). E juntos eles são levados pela fome da cobrança da felicidade e dos direitos que são negados pela classe opressora e, tangido pelo ódio que a população/sociedade rica lhe provoca.

Exaustivamente, ele fixa a ideia de cobrar, e diz repetitivamente, “agora eu só cobro”, “estão me devendo”, “tão me devendo”. São palavras expressas em toda a narrativa. Elas apontam o peso de um manifesto pessoal, desenhado pelo autor, que consiste na criação irreal do que possivelmente se apresenta na realidade em toda a forma que se conduz o enredo.

Por se tratar de uma personagem ambígua, faz-se necessário uma análise mais detalhada tomando como ponto de partida que O cobrador é uma personagem de ficção, tentaremos compreender qual a sua função na narrativa e, por ser um protagonista, analisar-se-á o seu caráter heroico ou anti-heroico.

CAPÍTULO II

O COBRADOR: SUA FUNÇÃO E CARÁTER HERÓICO

2.1. O cobrador, porta voz do autor e agente da ação

A personagem o Cobrador é a caracterização de um indivíduo que acredita e vive em função de cobrar uma dívida que a sociedade tem para com ele. Suas ações deixam claro que esse desejo de cobrar é uma espécie de missão sob um rastro de violência e sangue. As expressões de suas vontades, de sua sede e fome de cobrança fazem o personagem se comportar como um selvagem em busca de alimento, escolhendo as vítimas, e depois as matando como se fosse um ritual de antropofagia, como se ele fosse possuir aquilo que a vítima tinha e que era alvo de sua cobrança.

Vale lembrar que a antropofagia foi um movimento cultural iniciado com Oswald de Andrade ao publicar seu Manifesto Antropófago na primeira edição da Revista de Antropofagia, em 1928. Segundo o manifesto: “Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente” (ANDRADE apud TELES, 1997, p. 353). Parece que é essa união social, econômica e filosófica que o Cobrador busca. Ele crê que a dívida que a sociedade tem com ele será paga eliminando os ricos, pois esses são as vítimas de sua cobrança. Os pobres e miseráveis como ele – o mendigo, D. Clotilde, o crioulo - não interessam a ele. Apenas devorar o diferente, o Outro. Este ponto lembra o pensamento antropófago conforme diz Oswald de Andrade (1928) no manifesto: “Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago” (ANDRADE apud TELES, 1997, p. 353).

O conto retrata a desigualdade causada por uma dívida social que hierarquiza a sociedade em classes de pobres e ricos, sendo que aqueles geralmente entendem a violência como uma forma de cobrar os direitos dos menos favorecidos. Assim, o Cobrador é a materialização de um indivíduo que acredita numa dívida social, ou seja, ele crê que a sociedade lhe deve a igualdade social. Direitos iguais para todos. A palavra cobrar diz respeito ao “ato ou efeito de cobrar... cobrar; 1. Perceber, adquirir (que é devido). 2. Fazer que seja pago, 3. Readquirir, recuperar. 4. Pedir ou exigir cumprimento de. 6. Refazer-se, recobrar-se” (cf. FERREIRA, 2001, p. 160).

A descrição física do Cobrador não corresponde às maldades que ele pratica. Ele tem o corpo franzino, as mãos cheias de cicatrizes, aparência de aleijado, língua presa (sotaque), as pernas escalavradas, o pé direito inchado, uma boca larga - o que lhe rende o apelido de “bandido da boca larga” – cheia de dentes podres. Psicologicamente é um *Serial killer* sangue frio, pois não demonstra nenhum sentimento de arrependimento nem culpa durante e após seus crimes. Ele é louco, e ora é cômico, ora trágico, ora sarcástico. Ele também pode ser lido como um sujeito introspectivo, impiedoso, vingativo, frio, inconsciente, invejoso, dramático, justiceiro, destemido, corajoso, odioso, estrategista, manipulador, galanteador, rápido, asqueroso, mal, resistente, calculista, bandido, e acima de tudo cobrador. Além dessas características, a mais marcante é seu comportamento animalesco durante e após a execução de seus crimes.

Quando o personagem diz “Eu não pago mais nada, cansei de pagar! Gritei para ele, agora eu só cobro!” (FONSECA, 1989, p. 14), percebe-se a atitude revoltada de um indivíduo cansado de pagar, dando uma ideia de que era vítima de exploração social, ideia reforçada pela descrição da personagem com as “mãos cheias de cicatrizes”. A impressão que se tem é que há uma inversão de papéis, como se ele estivesse apenas retribuindo, ou reproduzindo, a violência que sofrera.

A personagem apresenta características de pessoas reais que, possivelmente, fizeram parte do universo policial do autor, Rubem Fonseca. Assim, o Cobrador tem a função de ser “porta voz do autor”, cuja classificação, segundo Beth Brait (2006) diz respeito a “soma das experiências vividas e projetadas por um autor em sua obra. Nesse sentido, “a personagem seria um amálgama das observações e das virtualidades de seu criador” (BRAIT, 2006, p. 50).

Baseando-se na teoria de Beth Brait, o Cobrador é uma personagem plana, cuja classificação, segundo a autora, diz respeito às personagens construídas ao redor de uma única ideia ou qualidade, são definidas em poucas palavras, estão imunes à evolução no transcorrer da narrativa, suas ações confirmam a impressão da personagem, não reservando qualquer surpresa ao leitor (cf. BRAIT, 2006, p. 40 - 41). Ou seja, a personagem é construída ao redor de uma única ideia, a de cobrar. Cobrança que ele executa através de atos violentos. Assim ele é definido em poucas palavras, como “o cobrador” ou “bandido boca larga”. Suas ações na narrativa só confirmam a primeira impressão que o leitor tem dele: um bandido frio e violento.

Quando ele atira no dentista no consultório, após recusar pagar a consulta, dizendo que estava cansado de pagar e agora só cobrava. Ele pretende justificar os atos de violência como

se fossem atos de justiça. Seus crimes são respostas de um indivíduo que se sente “lesado” pela sociedade, e resolve cobrar dela tudo que lhe devem. As passagens apresentadas na obra demonstram que a cada ação, o vingador se realiza, se diz satisfeito por ter concretizar o desejo de cobrar. De tanto fixar a ideia de cobrar, ele tem em mãos uma arma de fogo de modelo Colt Cobra 38, cobrar é o seu objetivo e ele cobra com “o Cobra”, o seu instrumento de cobrança. E como ele diz: “Tirei o Cobra de dentro da caixa” (FONSECA, 1989, p. 21).

Segundo Brait (2006), a personagem plana pode ser subdividida em “tipos”, que diz respeito “às aquelas personagens que alcançam o auge da peculiaridade sem atingir a deformação”, e “caricatura”, que são personagens cuja “a qualidade ou ideia única é levada ao extremo, provocando uma distorção propositada, geralmente servido da sátira” (BRAIT, 2006, pp. 40- 41). Dentro dessa subdivisão, o Cobrador pode ser lido como uma caricatura, pois a ideia de cobrança e a violência com qual age são levadas ao extremo, causando até certa deformação em seu perfil. A personagem, ao ser descrita como “bandido da boca larga”, causa uma distorção proposital, para realçar o lado irônico da personagem que “só rindo” comete seus crimes, e a ideia antropofágica de que matando a vítima estará recebendo dela aquilo que lhe foi roubado.

De fato, a violência é destaque no conto “O Cobrador”. A personagem central simboliza toda luta para exterminar as classes brasileiras abastardas. Observamos que está dentro dessa construção o espelho vivo da sociedade brasileira e porque não falar de muitas partes do mundo . Sabe-se que as personagens não existem fora das palavras, mas são criadas para representar pessoas, seres reais. Elas são extremamente vivas enquanto representação exterior do texto. No caso do Cobrador, ele representa muitos brasileiros revoltados por conta do que não têm, do que lhe faltam, do que lhe devem. Nega-se o direito de ter escolas boas, direito à saúde, profissão bem remunerada, moradia própria, lazer, tudo que se diz respeito a estabilidade social e econômica.

Do ponto de vista pautada na divisão semântica, sintaxe e pragmática dos semiólogos e semioticistas definidas por Filipe Hamon em, Beth Brait (2006), o Cobrador pode ser lido como a personagem do tipo anáfora que segundo a autora “são aquelas que só podem ser apreendidas completamente na rede de relações formada pelo tecido da obra” (BRAIT, 2006, p. 46). Ou seja, a personagem mantém os seus tentáculos completamente apreendidos/rendidos na rede de relação entre as suas vítimas. Ele é a personagem que só se deixa ser completamente compreendida no contexto da história, à medida que ele vai escolhendo suas vítimas e executando a sua cobrança.

Como já dito, todo o conto é narrado em primeira pessoa, e através das falas: “eu digo”, “mato”, “moro”, “minto”, “grito”, “continuo”, “justo” e “compro”, o Cobrador é uma personagem anônima e de autonomia. Sua existência está condicionada à sua função de cobrar, e para cobrar é preciso que haja uma dívida, logo, deduz-se que se não existisse essa dívida a personagem também não existiria. Intensivamente, a personagem nasce a partir da percepção de uma dívida social.

A personagem é entendida como porta voz do autor, e selada ao discurso do produtor, porque sua vivência ficcional tem uma relação próxima à vivência do autor, próximo ao universo discursivo, psicológico e sociológico de seu criador enquanto atuava na polícia. Devido a essa relação existente entre o autor e a sua criação, considerando os limites da ficção versus real, a narrativa gira em torno de um só problema “a cobrança”, que existe a partir do aspecto da dívida social.

Além de exercer a função de “porta voz do autor”, o Cobrador também desempenha a função de “agente da ação”, ele é sujeito de um fazer, pois é o condutor da ação de cobrar. Para Brait, esse tipo de personagem é quem “dá o impulso à ação; é o que representa a força temática: pode nascer de um desejo, de uma necessidade ou de uma carência” (BRAIT, 2006, p. 49). O Cobrador nasce da carência de uma sociedade desigual que nega os direitos humanos e cria seres marginalizados, excluídos socialmente, que, muitas vezes, acabam se tornando cobradores. Ele é a representação mimética dessa classe marginalizada e carente de tudo, que cobram através da violência tudo que lhe é negado de direito. E essa cobrança parte, muitas das vezes, de uma ideia ou noção distorcida de justiça social, pois o cobrador buscará, por meio de violência, fazer justiça com as próprias mãos. E o comportamento desses “agentes de cobrança” é conhecido pelo autor da obra, Rubem Fonseca, que viveu perto dessa camada social da qual participam agentes cobradores, representados por uma personagem anônima no conto.

Apesar da familiaridade do autor com o tipo de sujeito representado em “O Cobrador”, a personagem é uma figura de ficção criada por Rubem Fonseca como uma forma própria de existir, sentir e perceber o outro e o mundo.

2.2. O Cobrador: herói ou anti-herói?

O comportamento da personagem cobrador pode ser entendido como de um anti-herói, e tal perfil é explicado por Massaud Moisés (2004), como a de uma personagem que “apresenta característica opostas às do herói” (MASSAUD, 2004, p. 8). Assim sendo, o

cobrador tem um comportamento desregrado, segundo a conduta esperada pela sociedade, pois, ele transgredir as leis e comete crimes bárbaros, mata, estupra. Por isso, ele pode ser visto como uma personagem ruim, exemplo negativo para a sociedade, ele representa a negatividade de uma pessoa criminosa. Ainda sobre o anti-herói, ele

não se define como personagem que necessariamente carrega defeitos ou taras, ou comete delitos e crimes, mas como a que possui debilidade ou indiferenciação de caráter, a ponto de assemelhar-se a muita gente (...) É não raro, um agitador e um perturbador (BOMBERT apud MOISÉS, 2004, p. 8).

Assim sendo, o anti-herói representa uma massa humana da qual o escritor conviveu. Ela representa a classe marginalizada com qual seu autor teve contato direto em seu trabalho policial. Porém o fato dela possuir “defeitos” ou cometer “delitos e crimes” não é suficiente para enquadrá-lo como anti-herói. O que mostra que a questão é mais complexa do que se imagina, se pensarmos no que Moises (2004), diz mais adiante ao tentar diferenciar o anti-herói do herói clássico esclarecemos a questão:

o herói clássico identifica-se por atos de superior grandeza no bem ou no mal, enquanto o herói não empresta atitude ao seu comportamento, seja positivo, seja negativo: ao passo que o herói eleva e amplifica as ações que pratica, como ser nocivo como uma força sobre-humana, o anti-herói as minimiza ou rebaixa. Enquanto o herói é ativo na direção do Bem ou do Mal, o anti-herói tende à passividade, e esta anda de mãos dadas com o anonimato (MOISÉS, 2004, p. 28).

A partir dessa explicação que Moisés nos dá, podemos considerar o Cobrador um herói, pois seu comportamento alcança altitude máxima de violência, em sentido negativo. Sua violência ultrapassa a condição humana e se compara a uma espécie de violência selvagem. Nesse sentido, o cobrador é ativo, e não passivo, visto que, por exemplo, enquanto a personagem do mendigo parece se conformar com a miséria em que vive, o cobrador faz da cobrança uma missão, uma luta em busca da igualdade social.

Quanto à aparência, Moisés (2004) afirma que desde a idade média o herói clássico se assemelhava a Hércules e Ulisses, por exemplo, “pela sua valentia, coragem física e moral”, porém reconhece que a partir do século XIX, na ficção brasileira, há uma confusão ao classificar herói por causa do surgimento de anti-heróis. E ele explica que “O primeiro confunde-se com a própria estética romântica, e o outro, com a estética realista e naturalista. Deste modo teríamos heróis românticos e anti-heróis realistas e naturalistas” (MASSAUD, 2004, p. 219).

Como vimos, o Cobrador está longe de ser considerado um herói clássico e romântico – apesar de no final da narrativa ele se apaixonar e encontrar a sua princesa do crime. Ele tem sua “valentia, coragem física e moral” bem questionáveis. Já que é descrito como um sujeito franzino e cheio de cicatrizes.

No entanto, a partir de 1950, há uma heroicização do bandido na ficção brasileira, um exemplo são as crianças ladras de *Capitães da Areia*, de Jorge Amado. Dentro desse contexto, o Cobrador pode ser considerado um herói, pois luta ativamente contra um sistema marginal, opressor e excludente do qual faz parte. Assim, o caráter da personagem é ambíguo, assim como outras personagens famosas – Robin Hood ou Lampião, podem ser considerados heróis por uns e anti-heróis por outros.

Por fim, considerando que o Cobrador é uma personagem do conto “O Cobrador”, que está inserido no livro *O Cobrador*, é fundamental passar para a análise que será desenvolvida no próximo capítulo, a fim de situar a personagem dentro e em relação com o contexto geral da obra.

CAPÍTULO III

O QUÊ, DE QUEM E COMO ELE COBRA

3.1. “Só rindo!”

O conto “O Cobrador” inicia com a frase: “Na porta da rua uma grande dentadura”, anunciando a chegada do cobrador ao consultório de sua primeira vítima. O dentista é descrito como um sujeito grande, barrigudo, com uns quarenta anos, mãos grandes, pulso forte. O motivo da consulta é um dente podre que estava doendo, conforme nos narra o Cobrador, que se mostra sarcástico quando diz “Ele olhou com um espelhinho e perguntou como é que eu tinha deixado os meus dentes ficarem daquele estado. / Só rindo. Esses caras são engraçados” (FONSECA, 1989, p. 13). Tal fala evidencia o sentido irônico, sarcástico e cômico.

Nota-se que durante a narrativa, ele fala “só rindo” sete vezes, o que dá um sentido irônico à história, pois conforme explica Massaud Moisés

A ironia funciona, pois, como processo de aproximação de dois pensamentos, e situa-se, no limite entre duas realidades, e é precisamente a noção de balanço, de sustentação, num limiar instável, a sua característica básica, do ponto de vista da estrutura. Por isso mesmo, pressupõe que o interlocutor não a compreenda, ao menos de imediato: escamoteado, o pensamento não se dá a conhecer prontamente. Quando, porém, o fingimento empalidece e a ideia recôndita se torna direta, acessível à compreensão instantânea do oponente, temos o sarcasmo. Neste caso, a ambiguidade permanece, mas de forma grosseira e violenta (MOISÉS, 2004, p. 247).

É com a ironia de achar “engraçado” e ficar “só rindo” que o Cobrador tenta aproximar o mundo do rico com o mundo do pobre e o caminho é através da violência. A ironia reforça o caráter ambíguo do cobrador, pois ela também é uma violência, pois diz uma coisa, mas exige que o interlocutor entenda outra.

Durante a narrativa, a repetição de “só rindo” inicia quando o dentista pergunta como ele havia deixado os dentes apodrecerem daquele jeito e ele diz: “Só rindo. Esses caras são engraçados” (FONSECA, 1989, p. 13), como se ele estivesse ironizando com a pergunta, como se a resposta fosse óbvia, afinal, segundo sua visão, como ele poderia ter dentes bons se a sociedade lhe devia tudo?

A segunda vez é quando o dentista lhe cobra quatrocentos cruzeiros pela extração dentária, ele responde: “Só rindo. Não tem não, meu chapa” (FONSECA, 1989, p. 13), a ironia recai no fato da cobrança do dentista pelo tratamento dentário, pois para o Cobrador

aquele valor era como uma “piada”, porque na sua mente a sociedade é quem lhe devia, portanto ela quem devia lhe pagar.

A terceira vez se dá quando é noticiada a morte do “bacana da Mercedes” pelo bandido “Boca larga”, e ele percebe que a morte do muambeiro não tinha sido noticiada na mídia. Vejamos o trecho: “Leio os jornais. A morte do muambeiro da Cruzada nem foi noticiada. O bacana do Mercedes com roupa de tenista morreu no Miguel Couto e os jornais dizem que foi assaltado pelo bandido Boca Larga. Só rindo” (FONSECA, 1989, p. 18).

Na quarta vez, foi quando ele abordou o casal, um homem e uma mulher grávida, e foi sugerido pelo homem que ele levasse o dinheiro e os deixassem, conforme lê-se no trecho:

Para entrar de perna dura no estreito banquinho de trás não foi fácil. Fiquei meio deitado, o revólver apontado para a cabeça dele. Mandei que seguisse para a Barra da Tijuca. Tirava o facão de dentro da perna quando ele disse, leva o dinheiro e o carro e deixa a gente aqui. Estávamos na frente do Hotel Nacional. Só rindo. Ele já estava sóbrio e queria tomar um último uisquinho enquanto dava queixa à polícia pelo telefone. Ah, certas pessoas pensam que a vida é uma festa. Seguimos pelo Recreio dos Bandeirantes até chegar a uma praia deserta. Saltamos. Deixei acesos os faróis (FONSECA, 1989, p. 19).

Na quinta vez, é uma resposta ao homem que implorava pela sua vida e de sua mulher grávida: “Nós não lhe fizemos nada, ele disse. / Não fizeram? Só rindo. Senti o ódio inundando os meus ouvidos, minhas mãos, minha boca, meu corpo todo, um gosto de vinagre e lágrima” (FONSECA, 1989, pp. 19-20). Aqui, já percebemos um riso odioso, que é como um sentimento contrário ao que aquele homem dizia. Era a resposta irônica, que mostrava com todo o corpo do Cobrador o que aquele casal rico – ou a classe que representa - havia lhe feito.

Na sexta vez é diante da manchete do jornal que mostrava a aflição dos colonistas por causa da violência nas ruas:

Os colonistas sociais estavam consternados. Os granfas que eu despachei estavam com viagem marcada para Paris. Não há mais segurança nas ruas, dizia a manchete de um jornal. Só rindo. Joguei uma cueca pro alto e tentei cortá-la com o facão, como o Saladino fazia (com um lenço de seda) no cinema (FONSECA, 1989, p. 23).

Nesse contexto, o riso é uma ironia que pode ser entendida pelo fato das manchetes e, mídia em geral, só noticiar a violência sofrida pelos ricos, ignorando a violência de cada dia em que vivem os pobres e os grupos marginalizados: crianças, negros, mulheres, idosos, homossexuais, entre outros.

Na sétima vez, para esquecer a moça por qual se apaixonou, ele começa a ver a realidade a sua volta. Ou seja, foge do romantismo e entra no realismo de sua vida, em plena véspera de Natal:

Para esquecer a moça que mora no edifício de mármore vou jogar futebol no aterro. Três horas seguidas, minhas pernas todas escalavradas das porradas que levei, o dedão do pé direito inchado, talvez quebrado. Sento suado ao lado do campo, junto de um crioulo lendo O Dia. A manchete me interessa, peço o jornal emprestado, o cara diz se tu quer ler o jornal por que não compra? Não me chateio, o crioulo tem poucos dentes, dois ou três, tortos e escuros. Digo, tá, não vamos brigar por isso. Compro dois cachorros-quentes e duas cocas e dou metade pra ele e ele me dá o jornal. A manchete diz: Polícia à procura do louco da Magnum. Devolvo o jornal pro crioulo. Ele não aceita, ri para mim enquanto mastiga com os dentes da frente, ou melhor com as gengivas da frente que de tanto uso estão afiadas como navalhas. Notícia do jornal: Um grupo de grã-finos da zona sul em grandes preparativos para o tradicional Baile de Natal — Primeiro Grito de Carnaval. O baile começa no dia vinte e quatro e termina no dia primeiro do Ano Novo; vêm fazendeiros da Argentina, herdeiros da Alemanha, artistas americanos, executivos japoneses, o parasitismo internacional. O Natal virou mesmo uma festa. Bebida, folia, orgia, vadiagem. O Primeiro Grito de Carnaval. Só rindo. Esses caras são engraçados (FONSECA, 1989, p. 25-26).

A ironia do riso que o narrador personagem utiliza pode ser iluminada pelo poema “Encantação pelo riso”, do poeta russo Khlébnikov, e que Rubem Fonseca coloca como epígrafe de seu livro de contos *O Cobrador*:

Ride, ridentes!
Derride, derridentes!
Risonhai aos risos, rimente risandai!
Derride sorrimente!
Risos sobrerisos – risadas de sorridentes risores!
Hilare esrir, risos de sobreridores riseiros!
Sorrisonhos, risonhos!
Sorridente, ridiculai, risando, risantes,
Hilariando, riando,
Ride, ridentes!
Derride, derridentes!
 (Khlébnikov – Campos, Encantação pelo riso)

Percebe-se que o poema é uma invocação ao riso, e todas as suas manifestações, mas o que notamos também é uma lembrança a Jacques Derrida, filósofo que iniciou por volta de 1960, a desconstrução em Filosofia. O que leva a interpretar a violência do narrador-cobrador como uma forma de desconstruir a felicidade dos ricos e construir uma felicidade mais humana e igualitária.

Na verdade, o autor brinca com o cômico e o trágico do início ao fim da narrativa. Retornando à frase inicial “na porta da rua uma grande dentadura”, percebemos como a

personagem vê a sociedade, isto é, como uma grande dentadura, ou seja, como um sorriso ou uma felicidade comprada, tal como uma dentadura acessível há uma seleta camada social. Trata-se de uma metáfora, pois a relação com o dente é vista como a ideia de felicidade, visto que geralmente o que dá a aparência de felicidade é a percepção do sorriso. Assim, embora a conquista da felicidade seja algo relativo, a percepção de ser feliz pode ser “comprada”. Por isso, que se pode pensar que a personagem vê a sociedade como uma dentadura, ou falsa felicidade.

Ao diagnosticar a arcada dentária precária do Cobrador, o dentista é o primeiro alvo de sua cobrança, pois é um dos indivíduos sociais que, na perspectiva do cobrador, lhe deve algo, lhe deve “dente”. Ou seja, ele cobra a percepção de felicidade que ele vê em outras personagens porque elas têm o que falta nele. Segundo o Cobrador, todos “os ricos” estão “devendo comida, buceta, cobertor, sapato, casa, automóvel, relógio, dentes, estão me devendo” e “colégio, namorada, aparelho de som, respeito, sanduíche de mortadela no botequim da rua Vieira Fazenda, sorvete, bola de futebol”(FONSECA, 1989, pp. 14-16). Ou seja, para ele a sociedade lhe deve tudo o que um ser humano necessita para sentir-se e perceber-se feliz, que são coisas aparentemente simples mas essenciais para uma boa qualidade de vida. Ele é carente não só de bons dentes, mas de motivos para ser feliz. No decorrer da narrativa, a percepção de sorriso, de felicidade, em outros são motivos de inveja e de ódio, como ele mesmo diz:

Fico na frente da televisão para aumentar o meu ódio. Quando minha cólera está diminuindo e eu perco a vontade de cobrar o que me devem eu sento na frente da televisão e em pouco tempo meu ódio volta. Quero muito pegar um camarada que faz anúncio de uísque. Ele está vestidinho, bonitinho, todo sanforizado, abraçado com uma loura reluzente, e joga pedrinhas de gelo num copo e sorri com todos os dentes, os dentes dele são certinhos e são verdadeiros, e eu quero pegar ele com a navalha e cortar os dois lados da bochecha até as orelhas, e aqueles dentes branquinhos vão todos ficar de fora num sorriso de caveira vermelha. Agora está ali, sorrindo, e logo beija a loura na boca. Não perde por esperar (FONSECA, 1989, p. 16).

No entanto, se por um lado o sorriso desperta a inveja, o ódio, por outro, também o atrai, o seduz, como acontece quando ele conhece Ana Palindrômica, “Estudei, ela diz. Sorri para mim. Como é que alguém pode ter boca tão bonita? Tenho vontade de lamber dente por dente da sua boca. Você mora por aqui?, ela pergunta. Moro, minto. Ela me mostra um prédio na praia, todo de mármore.” (FONSECA, 1989, p. 22). Ele vê em Ana a moça de vinte anos que ele diz que a sociedade lhe deve, entre tantas outras coisas: “Estão me devendo uma garota de vinte anos, cheia de dentes e perfume. A moça do prédio de mármore? Entro e ela está me esperando, sentada na sala, quieta, imóvel, o cabelo muito preto, o rosto branco, parece uma

fotografia.” (FONSECA, 1989, p. 24). Ana, apesar de ser uma moça estudada e rica e ter o sorriso bonito, ela não era feliz, pois era depressiva e apresentava um histórico de tentativa de suicídio.

A relação metafórica com os dentes e a ideia de felicidade é explorada no decorrer da narrativa como uma motivação de cobranças. Assim, aquele que não tem os dentes perfeitos não lhe atrai e não desperta sua inveja, nem seu ódio, como a personagem identificada como crioulo, conforme o encontro é descrito abaixo:

Sento suado ao lado do campo, junto de um crioulo lendo O Dia. A manchete me interessa, peço o jornal emprestado, o cara diz se tu quer ler o jornal por que não compra? Não me chateio, o crioulo tem poucos dentes, dois ou três, tortos e escuros. Digo, tá, não vamos brigar por isso. Compro dois cachorros-quentes e duas cocas e dou metade pra ele e ele me dá o jornal. A manchete diz: Polícia à procura do louco da Magnum. Devolvo o jornal pro crioulo. Ele não aceita, ri para mim enquanto mastiga com os dentes da frente, ou melhor com as gengivas da frente que de tanto uso estão afiadas como navalhas (FONSECA, 1989, pp. 25-26).

O Cobrador se entende bem com pessoas que, tal como ele, não têm dentes perfeitos, ou seja, não têm essa percepção de felicidade que ele deseja. Por isso que o dentista é a sua primeira vítima, pois ele é o profissional responsável por tratar os dentes das pessoas. Ele está entre aqueles que despertam o seu ódio, como o próprio diz “Odeio dentistas, comerciantes, advogados, industriais, funcionários, médicos, executivos, essa canalha inteira. Todos eles estão me devendo muito” (FONSECA, 1989, p. 13). Quando procura o dentista para extrair seu dente dolorido e podre, o cobrador tenta ir embora e recusa a pagar pelo serviço com o argumento de não ter como pagar. O dentista insiste em cobrá-lo e ele diz “Eu não pago mais nada, cansei de pagar! Agora eu só cobro!” (FONSECA, 1989, p. 14). Em seguida ele dá um tiro na barriga do dentista. Ele não o mata, embora deseje fazer isso quando diz “Deveria ter matado aquele filho da puta” (FONSECA, 1989, p. 14). Ele não o matou, porque talvez precise dele para tratar de seus dentes. Ou seja, ele não quis acabar com a esperança de um dia retornar ao dentista e ter os dentes bonitos e perfeitos como os de Ana, por exemplo.

3.2. Na rua cheia de gente

Ao sair do consultório odontológico, o cobrador assassino segue para uma rua cheia de gente, que na verdade, representa um panorama da sociedade. “Se ao entrar no consultório ele se depara com a “porta da rua com uma dentadura grande” ao sair de lá ele se vê na rua cheia de gente, centrando onde ele irá focar naquelas personagens que estão lhe devendo algo, como

ele diz : “ Digo, dentro da minha cabeça, e às vezes para fora, está todo mundo me devendo!”(FONSECA, 1989, p. 14). Esse é o lema dele, que é seguido ao pé da letra durante toda a narrativa. Como que anestesiado, o cobrador transita nessa rua e seleciona aqueles que os deve algo daqueles que não devem.

Ao se deparar com um pedinte cego diz: “Um cego pede esmolas sacudindo uma cuia de alumínio com moedas. Dou um pontapé na cuia dele, o barulho das moedas me irrita.” (FONSECA, 1989, p. 14). O sentimento que o cego desperta nele é desconforto, irritação. Logo, ele o descarta, assim como faz com outras pessoas, que em sua perspectiva, aparentam não ter uma visão além das condições miseráveis em que vivem, ou uma perspectiva de futuro digno e feliz. Ele vê no mendigo a projeção do “eu”, e sente-se tão miserável, financeiramente quanto ele. A diferença entre eles está no sentimento que alimenta e a forma que ambos agem diante das condições marginais em que vivem.

O cego parece aceitar a sua posição na sociedade, já o cobrador é dominado pelo ódio e revolta. Ele é implacável em sua cobrança, e esta parece ser a forma que ele encontra para tentar chegar ao centro e sair da margem em que vive. Quando ele diz “De manha não se consegue chegar na direção da Central, a multidão vem rolando como uma enorme lagarta ocupando toda a calçada” (FONSECA, 1989, p. 14). A aparente certeza com qual ele fala da impossibilidade de chegar à Central demonstra a frustração de alguém que sabe que, para ele e para a multidão é como se fosse “como uma enorme lagarta”, difícil ou impossível ocupar o centro. Ele se vê, e vê as pessoas na calçada ou à margem vivendo como lagarta.

Tal associação comparativa do inseto com aquelas pessoas nos remete à metamorfose da borboleta, e isso faz alusão à consciência que vê no ato de cobrar uma possibilidade de se transformar e, quem sabe, tornar-se um daqueles ricos ou figurões cheio de dentes como ele observa.

O cobrador é obcecado pelo desejo de uma transformação social que lhe tire dessa pobreza e lhe torne um indivíduo que seja percebido pela sociedade. Para alcançar tal transformação, ele persegue a ideia de cobrança de forma doentia, assim quando se depara com um indivíduo que tenha algo que sirva para pagar um pouco da dívida que a sociedade tem com ele. Ele não abate o cego porque não tem nada a cobrar dele, o pedinte não lhe deve nada, pois é tão miserável quanto ele. E vê no cego um reflexo do seu próprio “eu”, estando ambas pessoas na mesma condição miserável em que vivem e que a sociedade rejeita, ignora ou não reconhece nessa rua cheia de gente.

3.3. Na cruzada: entre o mundo do pobre e o mundo rico

Se o barulho das moedas do cego pedinte o irrita, a buzina do carro lhe assusta e incomoda, como se o barulho tivesse a capacidade de tirá-lo de sua zona de conforto e desperta dentro dele uma raiva e um ódio animalesco que o fará agir como um animal selvagem e irracional.

Me irritam esses sujeitos de Mercedes. A buzina do carro também me aporrinha. Ontem de noite eu fui ver o cara que tinha uma Magnum com silenciador para vender na Cruzada, e quando atravessava a rua um sujeito que tinha ido jogar tênis num daqueles clubes bacanas que tem por ali tocou a buzina. Eu vinha distraído pois estava pensando na Magnum, quando a buzina tocou. Vi que o carro vinha devagar e fiquei parado na frente. (FONSECA, 1989, p. 14).

Os sujeitos de Mercedes o irritam porque lhe devem muito. A buzina do carro lhe assusta e incomoda. Diante dela, o cobrador se transforma um indivíduo intolerante, incapaz de se livrar dos seus pensamentos de violência. Nisso, temos uma personagem perturbada, que se assusta com os próprios pensamentos. O ato de ouvir o som das buzinas lhe traz de volta à realidade.

A descrição dos ambientes em que aparecem o cego e o cara da Mercedes revelam um contraste das camadas sociais de onde o Cobrador está inserido. A narrativa sobre o espaço e ambientação onde o cego pedinte estava era “manhã” e povoado por uma multidão comparada a uma enorme lagarta. No entanto, “Era de noite e não tinha ninguém perto” o ambiente do cara da Mercedes, que “estava vestido de branco”. O branco remete à limpeza, ao rico, aos ostentadores de objetos de luxo, sorriso de felicidade o que demonstra o acentuado aparecimento da palavra branco por mais de seis vezes, expressão essa que denota o mundo dos “socializados”. Já o mundo em que o cego habita é sujo e escuro, sem perspectiva nenhuma. Notório é o contraste que ele faz para mostrar a passagem do cobrador por uma rua cheia de gente, pelo mundo dos pobres e vazia comparada ao mundo dos ricos.

Ao atirar no para-brisa da Mercedes, ele age com a mesma agressividade que o fez “dá um pontapé” na cuia do cego pedinte. Na verdade ele é inconformado, pois não aceitava ser pobre e, por se colocar no lugar dos ricos, ver e transitar pelo mundo deles, queria a qualquer custo ter o que eles tinham, viver como viviam. O vingador justiceiro desejava ocupar o lugar do rico.

Girou a cabeça que estava encostada no banco, olhos muito arregalados, pretos, e o branco em volta era azulado leitoso, como uma jabuticaba por dentro. E porque o branco dos olhos dele era azulado eu disse — você vai

morrer, ô cara, quer que eu te dê o tiro de misericórdia? Não, não, ele disse com esforço, por favor (FONSECA, 1989, p. 15).

Os olhos azulados poderiam ser pelo fato do cara do Mercedes ter sido atingido por um pedaço de vidro do pára-brisa que se quebrou quando o Cobrador atirou. Mas também pode ser uma metáfora, se associar o azul dos olhos do rico com olhos cheios de sangue nobre, ou “sangue azul” que dizem correr nas veias do rico. Na perspectiva do pobre, o rico tem poder, dinheiro, prestígio social e pode ser idolatrado por sua riqueza. E no conto, são descritos como “bonitos” e “brancos”. Quase sempre são vistos como pessoas do bem, mesmo, às vezes, podendo ser pessoas de mau caráter, aproveitadoras e exploradoras de pessoas trabalhadoras, discriminadas pela sociedade, ou seja, pessoas pobres e marginalizadas. A imagem do rico é aquele que faz tudo para benefício próprio, sem se preocupar com a miséria alheia. Já a imagem do pobre é a de um ser sem valor, que não merece respeito e que sofre discriminação.

No mundo capitalista, o rico tenta a todo momento controlar a situação. Em relação à alimentação, é seletiva, balanceada e variada. Contém substâncias e proteínas suficientes para o seu bem estar e beneficia o organismo. Já o pobre dispõe de poucos recursos financeiros para investir numa boa alimentação. E quando falamos do pobre lembramos que é com dificuldades que ele consegue comprar “uma cesta básica”, com produtos considerados básicos para uma alimentação “saudável”, como o pão, arroz, o feijão, a farinha, a carne, entre poucos outros. Enquanto os pobres se alimentam de forma precária, os ricos comem caviar, engrossa o sangue e cresce a barriga. Os pobres não têm moradia fixa e fisicamente é descrito no texto como um tipo franzino que se veste com roupas muito simples, maltrapilhas e sujas. Os ricos são representados como moradores de mansões e se vestem bem, com roupas brancas, elegantes. Rico tem o sorriso largo, mostrando todos os dentes e bem tratados, passando uma ideia de “cara de riqueza”. Já o pobre é um ser miserável, com dentes podres, um fracassado.

Na perspectiva do Cobrador, dinheiro pode comprar a felicidade advinda de bens materiais, como carro, estudo, moradia, lazer e luxo, e até as pessoas, como uma namorada. É bem vindo, e representa o bem onde chega. Frequenta lugares privilegiados como clubes, consultórios, hotéis, apartamentos luxuosos, mansões, entre outros. O cobrador visita todos esses ambientes para fazer sua cobrança, para executar seu ritual de violência antropofágica. Para ele, o rico é perverso na exploração do “pobre fodido”. Há um conflito entre sua condição de ser pobre e a condição do outro, como rico.

A cobrança que ele pratica é antropofágica, que significa comer carne de uma pessoa ou parte dela para adquirir sua força ou habilidade, e tal ideia é reforçada pela fixação da personagem pelos dentes das pessoas, citando, inclusive, o desejo de lamber os dentes de Ana, personagem que se torna sua amante e cúmplice. Para ele, matando o rico é o mesmo que lhe tirar o sorriso, a felicidade. Em sua mente, é matando o rico que ele tem a ilusão de receber aquilo que cobra, dando uma sensação de realização e satisfação, que o faz comemorar com “uivos e gruninho” como um animal. Para ele o rico só fica igual ao pobre quando vira cadáver, e por isso ele os mata, na ilusão de alcançar igualdade social, como se isso fosse possível, apenas, matando todos ricos.

3.4. Na cruzada, um traidor

Ao transitar pela “rua cheia de gente”, o cobrador se depara com um muambeiro. O muambeiro tinha mãozinhas que nunca viram palmatória, eram delicadas e finas. Seu trabalho não era honesto pois ganhava a vida vendendo produtos furtados. No conto, ele pode ser associado à imagem de Judas Iscariotes, personagem bíblica que traiu Jesus com trinta moedas de prata. Em “O Cobrador” a imagem do traidor bíblico é lembrada no trecho quando ele encontra o muambeiro, e esse diz “Cadê as trinta milhas? Põe aqui nesta mãozinha que nunca viu palmatória, ele disse. A mão dele era branca, lisinha, mas a minha estava cheia de cicatrizes, meu corpo todo tem cicatrizes, até meu pau está cheio de cicatrizes” (FONSECA, 1989, p.15). Assim como Judas traiu Jesus, mesmo sendo um dos seus doze discípulos, o muambeiro, que apesar de ser pobre, trai a classe menos favorecida ao buscar no trabalho ilícito um enriquecimento rápido e fácil. Dessa forma, o muambeiro remete a uma comparação entre eles que se inicia nas mãos, fazendo o Cobrador ver e perceber as suas calosidades e cicatrizes, não só nas mãos, mas por todo o seu corpo franzino. Em sua mente tudo se apresenta velozmente e o transporta para um presente trágico e sem boas expectativas. Já o muambeiro, parece vangloriar-se por não ter visto palmatória, que na época em que o conto foi escrito, na década de setenta, era um instrumento de punição. Ou seja, ele fala em tom irônico e de deboche por nunca ter sido punido pelo seu trabalho desonesto.

O Cobrador parece não ter gostado da cobrança do muambeiro pela Magnum que este havia lhe vendido, nem do tom das palavras que ele usou para tal cobrança. Em seguida, diz querer comprar um rádio e quando o muambeiro lhe traz um, pede que aumente o som. Mais

uma vez o som serve como fundo musical para os momentos trágicos da narrativa, que é quando ele executa as suas vítimas:

O muambeiro voltou carregando um rádio de pilha.
É japonês, ele disse.
Liga para eu ouvir o som.
Ele ligou.
Mais alto, eu pedi.
Ele aumentou o volume.
Puf. Acho que ele morreu logo no primeiro tiro. Dei mais dois tiros só para ouvir puf, puf. (FONSECA, 1989, pp. 15 - 16)

O Cobrador parece ser fascinado pelo som, este o atrai e o desperta. Ele diz: “tão me devendo colégio, namorada, aparelho de som, respeito, sanduíche de mortadela no botequim da rua Vieira Fazenda, sorvete, bola de futebol”, assim depois de receber do muambeiro o rádio, ele o matou e seguiu sua cobrança. Mais adiante diz:

Fico na frente da televisão para aumentar o meu ódio. Quando minha cólera está diminuindo e eu perco a vontade de cobrar o que me devem eu sento na frente da televisão e em pouco tempo meu ódio volta. Quero muito pegar um camarada que faz anúncio de uísque. Ele está vestidinho, bonitinho, todo sanforizado, abraçado com uma loura reluzente, e joga pedrinhas de gelo num copo e sorri com todos os dentes, os dentes dele são certinhos e são verdadeiros, e eu quero pegar ele com a navalha e cortar os dois lados da bochecha até as orelhas, e aqueles dentes branquinhos vão todos ficar de fora num sorriso de caveira vermelha. Agora está ali, sorrindo, e logo beija a loura na boca. Não perde por esperar. (FONSECA, 1989, p. 16)

Os Jornais, rádio, televisão e revista são instrumentos de informação que despertam o ódio dele, entendendo ódio como explica o dicionário, ou seja, como um “1.Sentimento de profunda inimizade, paixão que conduz ao mal que se faz ou que deseja a outrem.” ou uma “2. Ira contida, rancor violento e duradouro.” E também uma “Viva repugnância; repulsa, horror” (LARROUSE, 2001, p. 707).

3.5. Os fodidos

Após se equipar de suas armas e sentir-se pronto para cobrar, o Cobrador está na casa de uma coroa que o apanhou na rua, com a qual ele interage, declama um poema. No diálogo com essa mulher, o cobrador se revela como alguém que tem algum grau de instrução, pois ele não só afirma ter frequentado o “colégio noturno” como se assume como poeta. Conforme mostra o trecho abaixo:

Coroa, diz que estuda no colégio noturno. Já passei por isso, meu colégio foi o mais noturno de todos os colégios noturnos do mundo,

tão ruim que já não existe mais, foi demolido. Até a rua onde ele ficava foi demolida. Ela pergunta o que eu faço e digo que sou poeta, o que é rigorosamente verdade (FONSECA, 1989, pp. 16-17).

Nesse trecho, o poeta afirma ter frequentado um colégio, um estabelecimento de ensino de primeiro e segundo grau. A associação que ele faz, em tom irônico, ao dizer que o seu colégio era um dos mais “noturnos do mundo”, pode estar relacionada a uma crítica ao sistema de ensino que parece ter sido tão ruim ao ponto da escola ter sido demolida, não só a escola, mas também a rua. Como se ele tivesse atribuindo uma parcela de culpa ao colégio, o qual frequentou que parece ter sido incapaz de garantir a transformação dele num cidadão de bem.

Ele se assume poeta e diz ser isso “rigorosamente verdade”. O poema é como uma arma que ele usa como forma de denúncia da desigualdade social da qual faz parte. Ao ser solicitado, ele declama um poema para a mulher, cujos versos realistas são descritos abaixo:

Os ricos gostam de dormir tarde
 apenas porque sabem que a corja
 tem que dormir cedo para trabalhar de manhã
 Essa é mais uma chance que eles
 têm de ser diferentes:
 parasitar,
 desprezar os que suam para ganhar a comida,
 dormir até tarde,
 tarde
 um dia
 ainda bem,
 demais.
 Sabia sambar e cair na paixão
 e rolar pelo chão
 apenas por pouco tempo.
 Do suor do seu rosto nada fora construído.
 Queria morrer com ela,
 mas isso foi outro dia,
 ainda outro dia.
 No cinema Íris, na rua da Carioca
 o Fantasma da Ópera
 Um sujeito de preto,
 pasta preta, o rosto escondido,
 na mão um lenço branco imaculado,
 tocava punheta nos espectadores;
 na mesma época, em Copacabana,
 um outro
 que nem apelido tinha,
 bebia o mijo dos mictórios dos cinemas
 e o rosto dele era verde e inesquecível.
 A História é feita de gente morta
 e o futuro de gente que vai morrer.

Você pensa que ela vai sofrer?
 Ela é forte; resistirá.
 Resistiria também; se fosse fraca.
 Agora você, não sei.
 Você fingiu tanto tempo, deu socos e gritos, embusteu
 Você está cansado,
 você acabou,
 não sei o que te mantém vivo.

(FONSECA, 1989, p. 17)

Ao analisar seu poema o leitor se depara com a realidade de forma mimetizada em cada verso. Ele nos dá um panorama geral da desigualdade existente nas classes sociais e o trabalho como algo que diferencia o rico do pobre. Enquanto uns “suam para ganhar a comida”, outros “dormem até tarde” e “parasitam”. Seus versos são uma crítica ao sistema capitalista. Ele não coloca o pobre como um ser capaz de sentir e se entregar a paixões efêmeras, de não conseguir construir nada com o suor do trabalho, e como alguém que mesmo sendo um telespectador do rico tem, ainda, o rosto verde, talvez de esperança.

Ele retrata uma realidade vivida e experimentada. E ao mesmo tempo em que relata sobre seu passado ele também escreve sobre seu presente, demonstra a sua experiência com a pobreza, vida de “zé ninguém”. Mesmo que a coroa demonstrasse desinteresse e não entender de poesia, ele fez questão de continuar a declamação, como quem tivesse a necessidade de usar a voz poética para expor uma revolta reprimida. Ele dá uma visão da história de “O Cobrador”, o conto, quando diz que a “História é feita de gente morta/ e o futuro de gente que vai morrer”. Ele vê a vida como filme trágico e a morte como algo inevitável e previsível.

O cobrador poeta se sente um pobretão, um fodido e sem perspectiva para o futuro, além da morte. Suas ações, apesar de violentas, e seus versos são formas de lutar pela justiça e pela igualdade de classes. Ao se vê diante daquela mulher que também é mais uma “fodida”, marginalizada pela sociedade, os seus versos servem como denúncia dessa realidade, e isso demonstra a visão de um sujeito extremamente realista e crítico.

Os versos realistas não despertaram o interesse da coroa que “fingia indiferença” e confessou temer o poeta, revelando que suas palavras, assim como uma arma, despertassem o temor. Afinal, como diz Foucault, a palavra é um aparato de poder. E ele usa esse poder para lutar contra o sistema opressor. A personagem demonstra consciência de seus atos, e de suas palavras, apesar destes transgredirem a moral, pois ele seleciona suas vítimas. E ao perceber que a mulher não lhe deve nada, pois é uma “fodida como ele”, a deixa viver, pois satisfaz o seu desejo, explícito na resposta da pergunta:

Quer que te mate?, perguntei enquanto bebíamos uísque ordinário. Quero que você me foda, ela riu ansiosa, na dúvida. Acabar com ela? Eu nunca havia esganado ninguém com as próprias mãos. Não tem muito estilo, nem drama, esganar-se alguém, parece briga de rua. Mesmo assim eu tinha vontade de esganar alguém, mas não uma infeliz daquelas. Para um zé-ninguém, só tiro na nuca! (FONSECA, 1989, p. 17).

Ele não a mata fisicamente, mas a mata de prazer. E após transar com ela a deixa dormir e afirma “Sou justo”.

3.6. O casal e o feto

O crime que parece mais bárbaro e de maior repercussão foi o de um casal, pois o Cobrador se apoderou de uma crueldade fora do normal. Percebe-se que ele chegou ao clímax nesse momento em que ele recriou a cena de horror do filme que ele assistiu na adolescência. Nessa passagem, ele cumpre seu desejo de matar alguém com um só golpe na cabeça.

Ele vê em um casal, e com ele a possibilidade de realizar os seus planos de aniquilar os ricos. A mulher estava grávida e o feto daria a vida a mais um rico e o assassino não queria que nascesse mais um felizardo. O Cobrador não admite que se perpetue mais uma geração de granfinos. Felicidade não estar ao alcance do pobre, ou do menos privilegiado, isso é um privilégio dos ricos. E o que ele cobra é a felicidade, nem que para isso ele tenha que matar todos os ricos, como diz no trecho seguinte: “quero viver muito para ter tempo de matar todos eles” (FONSECA, 1989, p. 18), se confirma a assertiva de que ele faz da cobrança uma missão de vida.

Um filme contribuiu ou inspirou para que toda a cena do crime do casal acontecesse. A morte do casal causou nele um sentimento de alegria por conta de ter efetuado com tanta perversidade, e por ter cumprido seu desejo de matar alguém “cortando-lhe a cabeça com o facão”, conforme ele narra:

Amarrei as mãos dele atrás das costas com uma corda que eu levava. Depois amarrei os pés.
Ajoelha, eu disse.
Ele ajoelhou.
Os faróis do carro iluminavam o seu corpo. Ajoelhei-me ao seu lado, tirei a gravata borboleta, dobrei o colarinho, deixando seu pescoço à mostra.
Curva a cabeça, mandei.
Ele curvou. Levantei alto o facão, seguro nas duas mãos; vi as estrelas no céu, a noite imensa, o firmamento infinito e desci o facão, estrela de aço, com toda minha força, bem no meio do pescoço dele (FONSECA, 1989, p. 20).

O ato de fazer o rico se curvar diante dele representa o pedido de perdão pelas coisas ruins que a sociedade lhe causou. O sentimento de justiça do Cobrador revestido de maldade faz com que ele enxergue as vítimas como animais, ou seja, como galinhas tontas nas mãos de cozinheira incompetente. Isso é também uma espécie de vingança, desejo de se sentir superior. E para ele isso só era possível através da violência. O tempo todo ele parece ter o domínio sobre suas vítimas, porque nenhuma delas reage. E para o Cobrador o céu é o limite, e que a terra vive sobre o domínio de sua crueldade.

A cabeça não caiu e ele tentou levantar-se, se debatendo como se fosse uma galinha tonta nas mãos de uma cozinheira incompetente. Dei-lhe outro golpe e mais outro e outro e a cabeça não rolava. Ele tinha desmaiado ou morrido com a porra da cabeça presa no pescoço. Botei o corpo sobre o pára-lama do carro. O pescoço ficou numa boa posição. Concentrei-me como um atleta que vai dar um salto mortal. Dessa vez, enquanto o facão fazia seu curto percurso mutilante zunindo fendendo o ar, eu sabia que ia conseguir o que queria. Brock! a cabeça saiu rolando pela areia. Ergui alto o alfanje e recitei: Salve o Cobrador! Dei um grito alto que não era nenhuma palavra, era um uivo comprido e forte, para que todos os bichos tremessem e saíssem da frente. Onde eu passo o asfalto derrete (FONSECA, 1989, pp. 20-21).

E mais uma vez ele mata o casal cobrando felicidade ou igualdade entre as classes sociais.

3.7. O prazer da cobrança

Depois de matar o casal e o feto, o Cobrador não sessa seu desejo de cobrar. A excitação que ele sente ao matar as suas vítimas o faz querer matar mais. A ideia de prazer, excitação sentida pelo agressor quando violenta alguém ganha proporções quando ele fingindo ser bombeiro invade um apartamento e estupra uma jovem mãe de família, e dá ênfase no prazer sentido por ele e pela vítima.

Na passagem dele pelo apartamento da moça de vinte e cinco anos, o cobrador cria uma personagem dentro da personagem, se diz bombeiro e carrega uma caixa preta debaixo do braço. Caixa essa que guarda a verdade, ou seja, o verdadeiro motivo da visita do cobrador ao apartamento. Nela ele guarda “o cobra”, sua arma de cobrança. Observa-se nessa passagem que o escritor não mede esforços para incrementar a sua perversidade, o assassino finge ser um bombeiro, profissional visto por algumas pessoas como um herói. O Cobrador gosta deste disfarce, sente prazer na encenação, porque o faz ser aceito pelas pessoas e nos lugares por quais transita. Isso facilita a sua missão de cobrar.

3.8. Ana Palindrômica: amante e parceira de cobrança

No casa da Ana, os papéis se invertem, dando uma nova roupagem à história. Ela é moça rica, estudou balé, tem carro de luxo, mora em uma mansão, frequenta lugares da alta sociedade. Come caviar, tem tudo que quiser. E como já foi dito nesse conto nota-se claramente a desigualdade social. As passagens e o cenário foram desenvolvidos para mostrar esse lado desigual da sociedade, na qual o Cobrador não suporta mais viver, que é a sociedade dos menos favorecidos, ou melhor “dos fodidos”.

Ana Palindrômica se apresenta com os mesmos problemas psicológicos e comportamentais que o Cobrador. Tem em mente vingança e vive num mundo “vazio” tanto quanto o de seu parceiro. Os dois compartilham um plano de cobrança da felicidade, sendo que esta só é conquistada com a morte de todos os ricos. A felicidade vem depois da morte, segundo essas personagens retratadas no conto. Devido fazerem parte de dois mundos diferentes, ambos se unem num ideal. Eles não são felizes, são amargos pela própria natureza, são diferentes na classe social, mas semelhantes no mesmo ideal, que é matar em massa no dia de Natal, justamente no dia que se comemora o nascimento de Jesus Cristo, que segundo a bíblia é aquele que é considerado o cordeiro de Deus enviado a terra para tirar o pecado da humanidade, conforme no fragmento abaixo:

Hoje é dia vinte e quatro de dezembro, dia do Baile de Natal ou Primeiro Grito de Carnaval. Ana Palindrômica saiu de casa e está morando comigo. Meu ódio agora é diferente. Tenho uma missão. Sempre tive uma missão e não sabia. Agora sei. Ana me ajudou a ver. Sei que se todo fodido fizesse como eu o mundo seria melhor e mais justo. Ana me ensinou a usar explosivos e acho que já estou preparado para essa mudança de escala. Matar um por um é coisa mística e disso eu me libertei. No Baile de Natal mataremos convencionalmente os que pudermos. Será o meu último gesto romântico inseqüente. Escolhemos para iniciar a nova fase os compristas nojentos de um supermercado da zona sul. Serão mortos por uma bomba de alto poder explosivo. Adeus, meu facão, adeus meu punhal, meu rifle, meu Colt Cobra, adeus minha Magnum, hoje será o último dia em que vocês serão usados. Beijo o meu facão. Explodirei as pessoas, adquirirei prestígio; não serei apenas o louco da Magnum. Também não sairei mais pelo parque do Flamengo olhando as árvores; os troncos, a raiz, as folhas, a sombra, escolhendo a árvore que eu queria ter, que eu sempre quis ter, num pedaço de chão de terra batida. Eu as vi crescer no parque e me alegrava quando chovia e a terra se empapava de água, as folhas lavadas de chuva, o vento balançando os galhos, enquanto os carros dos canalhas passavam velozmente sem que eles olhassem para os lados. Já não perco meu tempo com sonhos (FONSECA, 1989, pp. 27 -28).

Depois que conhece Ana, ele passa a se sentir igual ao Messias e age como quem tem uma missão, a de tirar o pecado da humanidade. O cobrador assassino acredita que matando todos estaria salvando a humanidade. E por isso Ana serve como aliada, ela o faz ver uma forma de cobrança mais “evoluída” na violência, porque ambos tornam-se terroristas.

Véspera de Natal é um bom dia para essa gente pagar o que deve, diz Ana. O Papai Noel do baile eu mesmo quero matar com o facão, digo.

Leio para Ana o que escrevi, nosso manifesto de Natal, para os jornais. Nada de sair matando a esmo, sem objetivo definido. Eu não sabia o que queria, não buscava um resultado prático, meu ódio estava sendo desperdiçado. Eu estava certo nos meus impulsos, meu erro era não saber quem era o inimigo e por que era inimigo. Agora eu sei, Ana me ensinou. E o meu exemplo deve ser seguido por outros, muitos outros, só assim mudaremos o mundo. É a síntese do nosso manifesto (FONSECA, 1989, pp. 28-29).

O casal se une na busca de uma felicidade que acredita ter a partir da cobrança. Eles estão envolvidos num mundo escuro, no submundo de uma sociedade degradada pela corrupção, maldade, pobreza, violência e infelicidade. Para eles, todos devem o que ele não tem por direito e almeja mudar isso. Os dois querem mudar o mundo. Juntos planejam acabar com toda essa condição de infelicidade, estão disputando um espaço que por direito é deles. Os ricos e os pobres estão sempre em guerra, procurando uma resposta para as suas aflições. A união deles dois simboliza a união do mundo do rico com o mundo dos pobres, em busca de um ideal em comum, que vai além da luta de classes, que é a conquista da felicidade humana.

A tristeza, o desespero e a inquietude de pertencer ao mundo desigual, em que uns têm tanto e outros não têm nada, “infelizes são aqueles que nascem pobres, e aos quais são negados os seus direitos”. O Cobrador e Ana são personagens descontentes com a percepção de mundo, eles não suportam, e não toleram a felicidade alheia. Eles justificam seus atos como uma receita para alcançar a felicidade, e por isso seguem o caminho que eles acreditam ser o certo, o da cobrança, encerrando um ciclo de sua vida e iniciando outro, conforme o protagonista relata.

Ponho as armas numa mala. Ana atira tão bem quanto eu, só não sabe manejar o facão, mas essa arma agora é obsoleta. Damos até logo à Dona Clotilde. Botamos a mala no carro. Vamos ao Baile de Natal. Não faltará cerveja, nem perus. Nem sangue. Fecha-se um ciclo da minha vida e abre-se outro (FONSECA, 1989, p. 29).

Apesar de agir como um anti-herói, ele se sente um herói, pois em sua mente, seu comportamento e suas ações devem ser seguidos de exemplos para outros. Trata-se de uma visão distorcida de justiça social. O que para ele é justiça, para a lei são crimes e comportamentos indesejáveis para um ser social. Ana Palindrômica torna-se a sua amante e fiel parceira. Cúmplices de uma missão, mesmo oriundos de classes sociais opostas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a análise de “O Cobrador” abordamos o modo como se comporta a personagem o Cobrador. Definimos o seu comportamento peculiar dentro do contexto de exclusão a que ele estava inserido.

Este conto de Rubem Fonseca apresenta, em sua complexidade, a disputa entre duas classes sociais, a rica e a pobre. Logo, fizemos um panorama acerca da violência, a qual está focalizada no conto, que tem como personagem principal o cobrador, personagem que representa um real retrato de violência social e ideológica, visto que “O Cobrador” é a representação simbólica de um ser que cobra e se fortalece com a violência que pratica. E desse modo, pretende alcançar a sua missão de “cobrar, só rindo.” Se nos colocarmos no lugar do outro, será que dá pra ficarmos, “só rindo?”. Essa é a reflexão?

Quanto à função do cobrador na narrativa, ele é porta voz de seu autor - Rubem Fonseca - que conviveu com criminosos durante seu trabalho policial – e é também, o agente da ação, porque sua existência se pauta no ato de cobrar. Em relação ao caráter heroico ele pode ser considerado um anti-herói, visto que possui comportamento desregrado, não tem uma conduta lícita nem segue valores morais, contudo apresenta traços de um herói pelo seu enfrentamento à condição marginal e a sua luta para mudar o mundo.

Conclui-se que a violência que o cobrador pratica é antropofágica, tal como um selvagem que se alimenta de sua vítima com o objetivo de possuir a felicidade dela, uma felicidade animalesca tal como ele mesmo descreve:

Quando satisfaço meu ódio sou possuído por uma sensação de vitória, de euforia que me dá vontade de dançar — dou pequenos uivos, grunhidos, sons inarticulados, mais próximos da música do que da poesia, e meus pés deslizam pelo chão, meu corpo se move num ritmo feito de gingas e saltos, como um selvagem, ou um macaco (FONSECA, 1989, p. 23).

Enfim, considerando o nível de violência representada de forma mimética no conto, fica a reflexão sobre a importância deste texto que problematiza via ficção sobre um grave contexto social do Brasil: a desigualdade social. E assim o leitor pode usar a literatura para refletir sobre os problemas sociais existentes.

5. REFERÊNCIAS

BRAIT, Beth. **A personagem**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectivas, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI Escolar: o minidicionário da Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FONSECA, Rubem. **O Cobrador**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LARROUSE, Ática. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Paris: Larrouse / São Paulo: Ática, 2001.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário dos termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1004.

_____. **A análise literária**. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

MOSER, Benjamin. **Clarice**. New York: Cosac Naify, 2009.

OLIVEIRA, Ellen dos Santos. A face dura do mal em A hora da estrela. In. **Ciclo Literatura Comentada: o texto literário entre linhas**. 1. ed. Rio de Janeiro: CBJE, 2013.